



A relação entre jornalistas e cientistas do campo da saúde: negociações e hibridação

Amanda Souza de Miranda¹.

Universidade de São Paulo.

Resumo: Este artigo pretende refletir sobre a relação entre jornalistas e fontes a partir de entrevistas qualitativas com cinco pesquisadores do campo da saúde e cinco jornalistas no Brasil e na Inglaterra, realizadas em pesquisa de doutorado. Com base nos depoimentos, captam-se movimentos associados a sociologia dos campos, em uma ótica amparada em conceitos de Pierre Bourdieu, a partir da qual é possível evidenciar lugares de negociação, cobertos de tensionamento, disputas e estratégias para a consolidação de capital; mas também de hibridação, quando as fontes técnicas tornam-se co-produtoras da notícia. O fenômeno surge de forma marcante em produtos que derivam do jornalismo especializado, como no *Bem Estar*, exibido pela Rede Globo, e *Health Truth or Scare*, produção da BBC britânica.

Palavras-chave: jornalismo especializado; fontes; entrevistas; hibridação; Bourdieu.

1. Introdução

Compreender a relação entre jornalistas e fontes é uma das chaves para pensar sobre aspectos bastante específicos da produção noticiosa. Este relacionamento, marcado por tensões, mas também por benefícios mútuos, é central para se voltar à notícia um olhar que é dela, por natureza, pensando-a como um produto cultural

¹ Jornalista na UFPR, doutora em Jornalismo pela UFSC e pós-doutoranda na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo/amandamiranda@usp.br

composto por diferentes agentes, com diferentes expectativas e interesses. Este artigo reúne dados de uma pesquisa que investigou tal relação a partir de entrevistas com jornalistas e pesquisadores do campo da saúde, na tentativa de entender como ocorrem os processos de negociação entre jornalistas e fontes de programas de televisão especializados em saúde no Brasil e na Inglaterra.

O estudo pode gerar novas reflexões em um contexto bastante propício para isso: com a pandemia do novo coronavírus, a saúde passou a compor de forma até então inédita a grade de programação de emissoras, as páginas dos jornais diários e as produções em diferentes mídias: podcasts, conteúdo digital, etc. Boa parte desses produtos buscavam explicações da ciência e dos cientistas para dar luz à um momento de crise. Nessa busca incessante por fontes especializadas, é possível captar pelo menos dois movimentos emergentes: fontes que se tornam corriqueiras por serem acessíveis à imprensa e consolidam seus nomes e de seus institutos de pesquisa na agenda midiática e jornalistas que se especializam em minúcias de uma cobertura marcada pelo excesso de informações. Tanto um quanto outro são parte dessa reflexão, que começou a ser construída pelo menos três anos antes da pandemia.

As entrevistas nas quais nos baseamos foram realizadas em setembro de 2015 e em julho de 2017 e fizeram parte de uma tese de doutorado cujo objetivo foi descrever e analisar fenômenos de hibridação² entre narrativas do popular e da ciência, pensando em aspectos produtivos singulares às rotinas e práticas jornalísticas. Entre os entrevistados do campo da produção jornalística, cinco eram jornalistas do programa *Bem Estar*³ e um era produtor de séries da emissora britânica *BBC*. Entre os entrevistados do campo da pesquisa em saúde, uma era médica consultora do *Bem Estar* e três eram fontes proeminentes na Inglaterra, que recentemente haviam sido

² Na tese, utilizamos o conceito de Canclini (2003) para justificar a emergência de narrativas híbridas do científico e do popular no jornalismo especializado em saúde. A hibridação pode ser aqui entendida como um lócus de intersecção entre saberes e práticas da saúde e da ciência e saberes e práticas do jornalismo e suas audiências.

³ Na época da pesquisa, o *Bem Estar* era um programa diário na Rede Globo, mas hoje foi reduzido a um quadro temático no programa Encontro com a Fátima e no É de Casa. O formato das entrevistas com especialistas, no entanto, continua nas edições.

entrevistadas para a série documental *Health: Truth or Scare*⁴. Neste artigo, lançamos nosso olhar para produtos audiovisuais com circulação na TV e nos veículos digitais, mas é possível fazer o exercício de pensar para além desta mídia.

Os questionários para os jornalistas foram formulados conforme o perfil e a função organizacional de cada um: editora-chefe, editora-executiva, produtora, apresentadora, apresentador e produtor de séries. Já as entrevistas com as fontes especializadas foram conduzidas com base em sua participação nos programas *Bem Estar* e *Health Truth or Scare*. No artigo, só chamamos de jornalista/fonte do *Bem Estar* e jornalista/fonte da BBC, por entendermos que os trechos selecionados são representativos daquilo que está sendo dito e não necessariamente de quem disse.

Os depoimentos que aqui aparecem foram reunidos em função das suas semelhanças, ainda que venham de produtos diferentes e lugares geográficos diferentes. Posteriormente às análises iniciais, buscamos aproximá-los da teoria dos campos do sociólogo Pierre Bourdieu, cujos conceitos norteadores para o estudo serão apresentados na seção 3. Para a compreensão deste trabalho, também faz-se necessário, antes de abrir o seu quadro teórico, indicar que uma das suas hipóteses iniciais era de que as fontes e os jornalistas especializados desenvolviam mecanismos de aproximação e interação que formavam jornalistas e fontes hiperespecializados.

2. A relação entre jornalistas e fontes especializadas

Para Ericson, Baranek e Chan (1989) as fontes⁵ participam dos processos de produção jornalística a partir da dialética conhecimento-poder, por meio da qual se encontram os fios que orientam a percepção acerca da autoridade e do credenciamento de um determinado agente para falar em nome de uma instituição ou de um grupo social. A compreensão de que notícias representam autoridade leva os autores a questionar quem são os especialistas autorizados a, mediados pelo discurso jornalístico,

⁴ A série foi exibida somente para a BBC Britânica, em abril de 2017, e trazia à tona as polêmicas mais recentes da área da saúde. Investigou, por exemplo, se o álcool em gel ou o sabonete eram mais eficazes no combate aos microorganismos.

⁵ Nesta seção trataremos especificamente das fontes *experts*, ou seja fontes técnicas-especializadas.

fornecerem suas versões da realidade. A primeira resposta é de que, independentemente do campo no qual estejam (se no da ciência, da justiça ou qualquer outro), eles compartilham com os jornalistas o espaço de uma elite cultural – o que facilita a interação.

A partir dessa lógica, na qual jornalistas e fontes compartilham o lugar de uma elite cultural, é preciso compreender, de acordo com os autores, as estratégias e táticas de acesso para adquirirem o capital cultural que leva um “conhecedor autorizado”, ou expert, ou especialista, ao papel de fonte. Este capital cultural tende a ser construído e solidificado a partir de relações de reciprocidade, nas quais os jornalistas também incorporam a cultura das fontes à medida que se especializam em uma determinada área de cobertura.

Os autores também sugerem que os jornalistas têm relativa autonomia junto às suas fontes, pois podem escolher ou silenciar, autorizar ou desautorizar um agente a falar. Mas mesmo submetidos a decisões e critérios que dizem respeito ao campo do jornalismo, quando falam, as fontes fazem emergir uma ordem que reforça qual conhecimento é útil, em qual condição, tempo e lugar. Trata-se de um processo orientado pelo que os autores chamam de convergência – pois o discurso construído a partir dessa relação converge em uma determinada ordem (no caso de produtos da saúde, uma ordem médica, naturalizada em nossa vida social).

Boyce (2006), ao discutir a interação entre jornalistas e experts, sugeriu que a recorrência a fontes técnicas e especializadas estaria ligada basicamente a ideia de gerar fatos, adicionar credibilidade e apresentar objetividade aos produtos jornalísticos. Apesar disso, ao analisar a cobertura de um caso polêmico abordando a suposta relação da aplicação de uma vacina ao autismo infantil, ele encontrou resultados que questionam o viés da autoridade médica. Na sua análise, as fontes mais recorrentes foram os não especialistas que, de algum modo, desafiaram o conhecimento técnico, trazendo novas abordagens ao fenômeno.

Pode-se, aqui, em uma aproximação com o novo cenário acionado por uma situação de pandemia, lembrar das críticas aos debates que tensionam especialistas

gabaritados do campo científico a visões meramente ideológicas, como no caso do uso da cloroquina para o tratamento da covid-19, por exemplo. Esta situação pode ser identificada em emissoras como a CNN Brasil e foi alçada ao debate público através da insistência do presidente Jair Bolsonaro em indicar o medicamento, ainda que ele não seja da área da saúde.

O estudo de Boyce (2006) também ignora um cenário de crise extrema, mas curiosamente indica que “histórias de ciência e saúde não deveriam ser apenas compostas de fontes especialistas com repertório científico e precisam ser vistas dentro de contextos sociais mais amplos.” Para além disso, também lembra que, por outro lado, os jornalistas possuem estratégias que os encorajam a selecionar fontes com especialidade num campo bastante preciso e específico. No caso da pandemia, vemos a ascensão de áreas como a infectologia, a microbiologia ou, ainda, a saúde pública.

Peters (2014) avança em direção ao conceito de “public experts”, que poderia ser traduzido como especialistas ou peritos públicos. Nessa compreensão, o autor evidencia que a tarefa de um cientista com esse rótulo não é necessariamente levar conhecimento geral ao seu público, mas dar os melhores conselhos numa ótica racional e de tomada de decisões. São experts convocados a opinar, mesmo que sua opinião não tenha qualquer base científica do segmento do qual a notícia fala. É como, por exemplo, ouvir o oncologista Drauzio Varella transformar-se em fonte relevante sobre um vírus pelo seu grau de reputação e pela sua trajetória.

Esse fenômeno de autorizar fontes com status de celebridades a falar sobre assuntos diversos também é visto com bastante frequência no programa *Bem Estar*, um dos objetos de nossa análise. A médica que entrevistamos não é fonte somente de notícias ou programas envolvendo a saúde infantil. Ela aparece em pautas sobre clínica geral, maternidade etc. Como destaca Peters (2014, p. 76), uma experiência generalista pode ter mais serventia do que uma atuação específica em determinado campo “para relacionar a pesquisa com tomada de decisão, integrar diferentes fontes de conhecimento e fornecer conhecimentos contextualizados”.⁶

⁶ Toda a bibliografia em inglês foi traduzida livremente pela autora.

A questão da visibilidade dos cientistas também se torna um critério para a seleção de fontes especializadas. Nesse sentido, é natural que aqueles que publicam com mais frequência em jornais com penetração popular ou que participam de congressos com ampla cobertura jornalística se tornem mais conhecidos do que outros, que estão presentes em publicações e reuniões mais segmentadas. Essa visibilidade, que eventualmente vai transformar o cientista em uma celebridade, também pode atestar seu potencial comunicativo. Aqui também é necessário destacar que tais habilidades estão muito relacionadas à facilidade de transformar uma linguagem científica em popular ou “usando termos, comparações e conceitos do dia-a-dia” (PETERS, 2014, p. 78).

A esse respeito, em outro trabalho Albaek (2011) tentou identificar como se dá a interação jornalistas e experts desde o momento da seleção do entrevistado. Como cenários possíveis, o estudo mapeou a relevância das fontes para dar legitimidade às hipóteses trazidas pela reportagem – ou seja, para reforçar um ponto de vista inicial do jornalista – e para compreender, interpretar e explicar situações complexas vividas contatado em outras ocasiões pelos profissionais. Outro dado relevante é que em 65% das notícias e interações mapeadas havia apenas um cientista como fonte. O estudo contribui ainda para trazer à tona uma importante característica assumida pelos jornalistas contatados pela pesquisadora: ao procurarem suas fontes, cerca de 46% deles já têm uma abordagem definida para a pauta – o que leva à conclusão de que os experts, muitas vezes, são utilizados para confirmar enquadramentos ou o que o veículo espera de uma determinada pauta.

Em direção oposta, uma pesquisa norte-americana (WAGNER, 2005) registrou que boa parte da agenda relacionada à cobertura da saúde é determinada pelas fontes, que pautam os jornalistas com assuntos de seu interesse. Ao ouvir profissionais de 72 emissoras locais de televisão, a pesquisa concluiu que mais de 80% deles não se dedicam somente à cobertura da saúde, ou seja, não são exatamente especializados. Os jornalistas também indicaram que a seleção dos experts é marcada por um processo de decisão que envolve desde os exemplos práticos que essas fontes podem sugerir – por exemplo, um paciente que possa ser ouvido na mesma matéria – até o aceite de gravar

entrevista em vídeo. Isso indica que a seleção não responde somente a critérios de relevância técnica do cientista, mas também de sua adesão à pauta jornalística e disponibilidade.

Ainda com o interesse de aprofundar meu olhar para as especificidades do campo do jornalismo especializado em saúde e das relações entre seus agentes (que apresento com dados empíricos mais adiante), começo, a seguir, a esboçar minha compreensão teórica acerca do que a relação entre cientistas, experts ou médicos e jornalistas aqui relatada produz de específico. O esforço é para situar o jornalismo especializado em saúde como um campo repleto de interesses, forças e particularidades que não podem ser encaradas só a partir da lógica da ciência ou só a partir da lógica do jornalismo, mas sim a partir de suas hibridações.

3. Aproximações com Bourdieu

A teoria dos campos do sociólogo Pierre Bourdieu é amplamente utilizada por pesquisadores das ciências humanas e sociais e aqui a trazemos como chave de compreensão de um fenômeno identificado a partir das entrevistas que apresentaremos mais abaixo. De modo bastante amplo, podemos sintetizá-la, nesta reflexão, a partir dos conceitos de campos⁷. Reforçamos que este não é um estudo sociológico, mas uma aproximação com os conceitos a partir daquilo que identificamos no interior da prática jornalística e na percepção de suas fontes, em nosso material de análise.

Field, Benson & Neveu (2005) tratam da teoria dos campos como um trabalho em progresso e sugerem uma série de conexões teóricas que podem surgir daí, bem como indicam caminhos para se compreender conceitos da obra do sociólogo. Neste mesmo texto, os autores lembram que a preocupação de Bourdieu com o jornalismo começou a surgir por vários motivos, mas especialmente por ter identificado o potencial de influência que o discursivo televisivo passava a adquirir. Ao entender o jornalismo como um espaço de mediação, em que outros campos estão sempre representados,

⁷ Na tese que baseia o material aqui apresentado os conceitos são aprofundados. Neste artigo, o conceito de campo é o que fundamenta o essencial das reflexões que propomos.

Bourdieu questionava-se sobre sua baixa autonomia – ou seja, sobre a subordinação a outros campos, em especial ao econômico. Para ele, quando fala sobre medicina ou sobre direito, o jornalismo o faz a partir de lógicas de disputa de audiência e de disputas comerciais.

Com relação à produção sobre o campo científico, entretanto, sua visão era oposta: situava-o como campo autônomo, ou seja, como um lugar em que disputas, hierarquias e posições dependiam menos de campos externos. Ele também menciona em seus estudos o caso das faculdades de Medicina, uma prática sustentada por uma ciência, situando-as, a partir de dados empíricos, em posição de dominação com relação às letras, filosofia e ciências humanas. (MONTAGNER, 2008). Também aí faz uma distinção entre a posição dos biólogos com relação aos clínicos no interior das faculdades – sendo os primeiros donos de menor capital e de menor reputação, dada a força simbólica da medicina clínica.

Bourdieu explica que “a noção de campo está aí para designar esse espaço relativamente autônomo, esse microcosmo dotado de suas leis próprias.”(BOURDIEU, 2003, p.20). Também destaca que o conceito “(...) baseia-se em um conjunto de pressupostos e de crenças compartilhadas”. Nas duas ocasiões, Bourdieu falava, respectivamente, sobre o campo da ciência e o campo do jornalismo, os mesmos dos quais trato nessa pesquisa.

No campo da ciência, pode-se dizer que os “pressupostos e crenças” compartilhados por seus agentes orientam a produção de uma narrativa feita, segundo Bourdieu, para ser consumida pelos concorrentes (ou seja, entre os pares). Isso faz com que a luta não seja especificamente por uma audiência, mas pelo “monopólio da autoridade científica definida, de maneira inseparável, como capacidade técnica e poder social” (BOURDIEU, 1983, p.1). Se formos considerar, tal como ocorre no jornalismo, que seu produto é um texto, então ele é um texto feito para circular somente entre aqueles com a mesma autoridade e com competência para tal, ainda que os cientistas que projetem ações de divulgação científica também adquiram capital.

O subcampo do jornalismo especializado em saúde é então um espaço relacional, em que médicos e cientistas da saúde dialogam com jornalistas, acumulando ou perdendo capital cultural, influenciando uns aos outros na sua reputação, afetando-se mutuamente pela concorrência dentro dos seus campos de origem e construindo, de forma conjunta, mas com determinante influência do habitus do jornalismo, um produto a ser consumido e a impactar sua audiência.

Campos, portanto, pressupõem hierarquias e disputas por diferentes capitais. Habitus, conceito elaborado pelo sociólogo antes mesmo da noção de campo, é explicado por Benson & Neveu (2005) como a subjetividade socializada. Outra noção igualmente interessantes para se pensar o jornalismo é a de capital cultural, que seriam as credenciais educacionais, de especialidade técnica, de conhecimento geral, habilidades retóricas e sensibilidade artística conquistadas por um agente dentro do seu campo. (BENSON; NEVEU, 2005).

Este artigo indica como um campo de negociações o lugar simbólico em que o jornalista se especializa e suas fontes se preparam para serem mediatizadas, um lugar no qual jornalistas e fontes negociam, com base nas hierarquias e posições que ocupam no seu próprio campo, os seus interesses – tendo em conta também as tensões em suas instituições e campos econômicos.

Já a zona de hibridação é o lugar em que essa negociação se particulariza numa relação menos de conflito e mais de interação, convergência e reciprocidade, em que a negociação resulta em benefícios mútuos. É, em suma, o lugar no qual o jornalista ganha reputação junto à fonte e esta se legitima enquanto aliada do produto midiático. Esta zona de hibridação é lugar de criação cultural e produção de narrativas híbridas do científico e do popular.

4. Campo de negociação e zona de hibridação

Os quadros abaixo reúnem entre os trechos das entrevistas realizadas com um produtor de séries da BBC e quatro das fontes ouvidas por sua equipe e com quatro jornalistas e uma das fontes fixas do programa Bem Estar. No total, o material transcrito

tem cerca de 200 minutos de áudio, e como os questionários não se baseavam unicamente no assunto aqui apresentado, selecionamos falas representativas dos fenômenos que buscamos ilustrar.

O que propomos é que o olhar para essa relação tensa e tão tradicionalmente investigada em estudos sobre jornalismo científico complexifique-se na direção de percebermos que, além dos interesses envolvidos do ponto de vista de cada profissão/campo/habitus, há outras estruturas que podem ser levadas em conta, como a busca de capital cultural/social ou mesmo o compromisso público e social de fontes reconhecidas nos seus campos científicos.

Percebemos isso na análise de todas as entrevistas realizadas, tanto no Brasil quanto na Inglaterra: existem sim habitus e campos diferentes, mas o lugar da produção jornalística está sujeito a negociação e, nos casos bem sucedidos de simbiose, de hibridação, quando notamos jornalistas que se especializam nos temas de cobertura e fontes que se tornam bons exemplos de comunicadores da ciência.

A situação da pandemia reforça nossa percepção, já que é cada vez mais visível a forma como determinados pesquisadores se tornam figurinhas carimbadas nos produtos jornalísticos, ao mesmo tempo em que a familiaridade obtida pelos profissionais da imprensa durante a cobertura vai proporcionando abordagens mais complexas para as suas pautas. Esta é uma observação empírica, já que não fizemos coleta de dados relacionada a este período, mas também é uma reflexão a partir da nossa colocação profissional atual: como assessora de comunicação de uma universidade pública, percebemos que os cientistas mais acionados são justamente os que parecem compreender melhor os meandros e o papel do jornalismo.

Campos de negociação são lugares simbólicos em que jornalistas e cientistas movimentam-se em direção ao campo do outro, na tentativa de compreender especificidades e detalhes que possam agregar ao processo produtivo. Este é um lugar de diálogo que pode resultar tanto em pautas positivas, de sucesso, como em situações de desapontamento de uma ou ambas as partes.

Nos depoimentos 1 e 2, de duas jornalistas diferentes do programa *Bem Estar*, trazemos exemplos de quem elas buscam para negociar. São pessoas dotadas de um currículo e de um tipo de conhecimento e capital bastante específicos, associados a instituições científicas, reconhecidos pelos pares e capazes de adotar uma linguagem popular. Já no depoimento 3, observa-se uma fonte da BBC dando detalhes sobre como o campo de negociação envolve troca de interesses e de favores, já que deixa explícito que a produção solicita referências visuais para o cientista, em uma busca de colaboração.

Outro ponto salutar para compreendermos esse espaço em que jornalistas e cientistas permitem se mover em direção ao campo do outro diz respeito às características que os profissionais da imprensa buscam em fontes para a mídia televisiva. "Dar palestras" e gostar de "falar com os jornalistas" por horas, durante uma pré-produção, são pontos atrativos e que tendem a elevar a posição da fonte, já que indicam uma preocupação didática do cientista e uma propensão para se expor em público comentando assuntos os quais domina.

Mas nem sempre a melhor fonte é aquela que está disponível. No trecho 5, vemos as dificuldades relacionadas especialmente à produção jornalística. Ir até a melhor fonte, muitas vezes, está fora de questão, por razões orçamentárias e dificuldades no deslocamento. Isso significa que os pesquisadores que não estão em regiões localizadas próximas às principais empresas de mídia também podem manter-se de fora desse campo onde jornalistas e fontes negociam conhecimentos e pautas sobre saúde. Quanto mais longe o expert estiver, menor vai ser a chance de apresentar seu estudo ou ser convidado a interpretar um fenômeno – ou, caso isso ocorra, dependerá de recursos de comunicação à distância. Soma-se a isso o fato de muitos cientistas rejeitarem conversas remotas justamente por temerem alguma distorção - quadro este que pode estar sofrendo modificações por conta da pandemia.

Nos trechos 6, 7 e 8 trazemos à tona aspectos de tensão que ocorrem neste campo. No caso do *Bem Estar*, o depoimento da jornalista nos mostra que a negociação envolve abrir mão de polêmicas. Não há, no programa, espaços para discordâncias entre

especialistas convidados, e durante a produção é tomado um cuidado extra para evitar que visões antagônicas dos convidados sobre a pauta surjam. Na fala da fonte da BBC (7), fica claro que os jornalistas que abraçam pautas polêmicas também perdem espaço no mainstream - então, por mais que eles possam adquirir reputação junto a profissionais reconhecidos, isso ocorre às custas de perda de capital no próprio campo midiático. Por isso, o campo de negociação serve também para jornalistas e fontes entenderem que "existem certamente coisas que você não diz ou publiciza", como registrado pelo mesmo entrevistado.

1. A gente queria também <u>médicos que tivessem experiência não só com o consultório particular, mas com hospitais universitários</u> , e que tivesse o atendimento ao grande público, justamente para que não fosse uma informação elitizada e que fossem <u>peças que tivessem um pouco de noção da realidade, da classe A-A a classe D-E</u> (Jornalista Bem Estar)
2. É <u>inaceitável que a gente tenha uma fonte que não seja um pesquisador, uma pessoa estudiosa</u> , que seja ligada a uma universidade, ou um Hospital Público. (Jornalista Bem Estar)
3. Eu sei que houve várias conversas mais para o final, apenas para acertar coisas e em seguida porque <u>eles queriam coisas muito visuais</u> e “como podemos fazer isso ou aquilo. (Fonte BBC)
4. Eu gosto de dar palestras. <u>Eu gosto de ter a chance de falar com o jornalista ao telefone</u> por uma hora, uma hora e meia se nós estamos discutindo algo. (Fonte BBC)
5. Nós temos que ter certeza de ter pelo menos duas fontes para tudo. Às vezes mais. E <u>este é um caso de procurar a pessoa mais apta a falar agora</u> . (Produtor BBC)
6. <u>Fontes devem estar com discurso afinado</u> , não tem que causar um problema pro telespectador, nem deixar o telespectador com dúvida, porque o objetivo do programa não é esse (Jornalista Bem Estar)
7. Há um jornalista que escreve seu próprio blog sobre assuntos médicos. Nós trabalhamos com ele e ele faz realmente essa tentativa de explicar a ciência. Mas ele teve que sair do mainstream para fazer isso. (Fonte BBC)
8. <u>Existem certamente coisas que você não diz ou publiciza</u> . Há muitos grupos poderosos de pessoas lá fora para pegar você. E eles vão pegar você. (Fonte BBC)

Quadro 1: Trechos referentes à ilustração do que entendemos como campos de negociação

Vencido esse lugar de diálogo, que coloca em confronto ou em relação de proximidade o que jornalistas e fontes esperam, abre-se a possibilidade para um lugar outro, este de interação ou de hibridação, conforme conceituamos. Este é um lócus em que cientistas e jornalistas se encontram ao campo do outro - não significa que passem a compartilhar do seu habitus ou disputar espaços neste mesmo lugar -, mas que podem estar se especializando em uma área de cobertura ou tornando-se um cientista-comunicador.

Do mesmo modo que as fontes estão aptas a se especializarem como agentes que atuam no campo do jornalismo, jornalistas também acabam se especializando e construindo alguma reputação no campo da ciência: são, igualmente, agentes híbridos, ainda que nunca consigam atingir um repertório ou capital social que lhes garanta posição de expert. No caso do *Bem Estar*, essas trocas ocorrem também fora do estúdio, em contatos frequentes dos jornalistas com os especialistas, como aponta o trecho 9. Então, ao mesmo tempo em que reproduz certas rotinas no que diz respeito à relação com as fontes, a equipe cria procedimentos novos, de aproximação com campos específicos da saúde. Em contrapartida, há fontes que também começam a adquirir outras expertises, como explícito no fragmento 17, em que a fonte da BBC revela a necessidade de se criar uma aptidão para falar com jornalistas e, por meio deste, com outros públicos.

A concorrência entre os veículos jornalísticos, especialmente na televisão, é um tópico de destaque na obra de Bourdieu. Segundo ele, é justamente a disputa pela audiência no campo que vai homogenizar e uniformizar os produtos – muitas vezes fazendo as fontes circularem de uma emissora a outra. Ao proibir, por contrato, essa prática, à época em que o *Bem Estar* era um produto na grade diária da emissora, a Rede Globo não só criava um staff com uma expertise absolutamente nova dentro de uma emissora de televisão (um staff de médicos), assegurava que o saber e a reputação das suas fontes não circulassem em outros espaços midiáticos.

Havia, nessa interação, uma dinâmica bastante particular, considerando que em outras especialidades não é comum que fontes sejam co-apresentadoras e tampouco participem da roteirização dos produtos ou mesmo da sua revisão, como ocorria no programa e foi ilustrado pelos trechos 12, 13 e 14, por exemplo. Entre os procedimentos novos que não costumam figurar entre as competências de uma fonte está o de compartilhar com os profissionais a missão de estudar cada tema para evitar problemas e levar a informação com o máximo de credibilidade à audiência (11). Este empenho acaba sendo validado pela produção jornalística, já que "o médico é a autoridade máxima e isso acaba com qualquer outra discussão" (10).

Os fragmentos 15 e 16 também trazem uma reflexão pertinente acerca daquilo que chamamos de zona de hibridação: a interação, quando ocorre de forma positiva e emblemática, transforma o expert em uma fonte que não opina ou valida apenas assuntos das suas áreas, ou, ainda, que se permite responder a imprensa sobre tópicos pouco estudados, em que há poucas ou nenhuma evidência científica. O pesquisador se expõe negativamente aos pares, mas ganha reputação com a mídia e pode usufruir de um "relacionamento simbiótico" em que os jornalistas precisam de cientistas e de informação para suas histórias, como afirma a fonte da BBC.

Os agentes híbridos, portanto (tanto os médicos comunicadores quanto os jornalistas especializados), ao permitirem que outros valores e culturas componham sua prática, potencialmente mesclam também sua força discursiva – e o discurso médico pode se tornar popular e emancipador, ao passo em que o discurso jornalístico pode se tornar também normatizador.

Outro dado relevante a partir do reconhecimento de uma zona de hibridação é que este locus também será dotado de habitus próprio, terá relações hierárquicas específicas e relação igualmente específica com um campo econômico e com ambos os campos que lhe originam. Isso significa que ele não está de modo algum livre da estrutura social dos campos: nele também haverá competição, subversão, disputas e todos os conflitos que emergem nas relações de poder aqui identificadas.



9. (...) eu também <u>mantenho essas conversas telefônicas com os médicos pelo menos uma vez por semana</u> . Ligo para algumas especialidades, porque essas conversas “o que tá rolando”, apesar de não ser um programa que a gente chama de factual, a gente deve ter uma preocupação com o que está acontecendo. (Jornalista Bem Estar)
10. “ <u>o médico é a autoridade máxima</u> e isso acaba com qualquer outra discussão” (Jornalista Bem estar)
11. Todo programa eu sempre faço um levantamento bibliográfico sobre o assunto. Quando é complexo eu peço até para a bibliotecária fazer para mim. (Fonte Bem Estar)
12. <u>Quando você se sente responsável, você também quer zelar pelo conteúdo</u> . (Fonte Bem Estar)
13. “os médicos meio que são apresentadores junto conosco. <u>Nós formamos uma escola de apresentadores</u> junto com os médicos, eles estão junto conosco na caminhada”. (Jornalista Bem Estar)
14. <u>Eles já pensam com essa cabeça televisiva</u> (Jornalista Bem Estar)
15. Eu posso dizer aquilo, mas pode haver outros acadêmicos no meu campo que reclamem: "você não tem nenhuma evidência para dizer isso, você não deveria dizer isso". E eles podem não gostar do jeito que eu faço porque estou falando, estou escrevendo de <u>uma forma que não é altamente técnica</u> . (Fonte BBC)
16. É um relacionamento bastante simbiótico em que os jornalistas precisam de cientistas e de informação para suas histórias. Para nós, <u>é cada vez mais importante que nosso trabalho seja visto como tendo impacto para o público entender e reconhecê-lo</u> . (Fonte BBC)
17. Eu acho que você precisa estar apto a conversar com um jornalista de forma que o jornalista possa passar diretamente para o público, <u>sem precisar fazer muita pesquisa para entender o que eu digo</u> porque tornei muito complicado. Então você sabe que ambas as pessoas precisam dessa habilidade. Eu acho que ambos, tanto para ouvir e sintetizar coisas e também para levar ao público (Fonte BBC)

Quadro 2: Trechos referentes à ilustração do que entendemos como zona de hibridação

5. Considerações finais

Este estudo, conforme já mencionamos, sugere reflexões a partir de uma pesquisa de doutorado em um contexto em que se observa uma simbiose cada vez mais clara entre cientistas e jornalistas ou movimentos de aproximação cada vez mais evidentes em razão da pandemia de covid-19. É claro que um novo estudo empírico se

faria necessário para confirmar essas observações iniciais relacionadas à pandemia, mas insistimos que esses conceitos podem resultar em materiais relevantes para a análise.

Entendemos que campos tão distintos e suas distintas pressões (observa-se, em destaque, o fator e a pressão do tempo de publicação dos papers e validação de resultados de pesquisa e a urgência dos repórteres em noticiarem grandes descobertas) podem nublar a emergência de uma zona de hibridação, mas ainda assim consideramos que os caminhos para este lugar de um cientista-comunicador e de um jornalista especializado parecem cada vez mais abertos.

Também não entramos na questão urgente que é refletir sobre a precarização profissional dos jornalistas. Sabemos que para um repórter se especializar seria necessário apoio para a sua formação (investimento em programas de pós-graduação, por exemplo) e tempo de dedicação, o que é cada vez mais raro nas redações. Mas percebemos, nessa possível hibridação o acesso a um conhecimento essencial para que as pautas e reportagens evoluam em profundidade e qualidade.

Nas nossas análises, no caso do programa da BBC, a zona de hibridação foi tão profunda que os produtores organizaram experimentos científicos em duas reportagens: uma sobre uso de álcool em gel e sabonetes para a limpeza das mãos e outra sobre usar ou não do fio-dental para a limpeza dental. Em ambos os casos eles estavam diante de situações de conflito, pois havia diferentes pesquisas, com resultados opostos. A estratégia foi fazer uma investigação à parte, com o auxílio de outros cientistas (igualmente agentes híbridos), tudo registrado pelas câmeras. Buscar evidências ou buscar a prova real do que estava sendo dito, muito mais do que uma estratégia de fact-checking, foi uma forma de integrar o campo do jornalismo ao campo da ciência.

Todas essas características destacam um esforço mútuo: tanto do saber médico em direção ao popular, quanto do saber popular em direção ao saber médico. O agente híbrido do campo do jornalismo se propõe a mediar, a facilitar um conhecimento técnico para a sua audiência e o agente híbrido do campo da ciência busca formas de se colocar no campo do jornalismo, adequando a sua linguagem e usando recursos como metáforas e comparações. Embora o jornalista seja o mediador, o esforço de mudar seu

discurso, de extraí-lo de um campo e levá-lo a uma outra posição também pode vir da sua fonte, que, quando chega nesse estágio de hibridação, já pode ser considerado um médico-comunicador.

Referências

- ALBAECK, E. The interaction between experts and journalists in news journalism. In: **Journalism** – London, v. 3 n.12, pp. 335–348, 2011.
- BENSON, R; NEVEU, E. **Bourdieu and the journalistic field**. Cambridge, Polity Press, 2005.
- BOYCE, T. Journalism and Expertise. In: **Journalism Studies**. Vol. 7, No 6, 2006.
- BOURDIEU, P. **Sobre a Televisão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997. _____. **Homo Academicvs**. Stanford: Stanford University Press, 1988.
- _____. **Os usos sociais da ciência**. Por uma sociologia clínica do campo científico. São Paulo: Editora Unesp, 2003.
- _____. The Political Field, The Social Science Field, and the Journalistic Field. In: BENSON, Rodney; NEVEU, Erik. **Bourdieu and the Journalistic Field**. New York: Rodney Benson, 2005.
- CANCLINI, N.G. **Culturas Híbridas** – estratégias para entrar e sair da modernidade. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003.
- ERICSON, R, V; BARANECK, P, M; CHAN, J, B.L. **Negotiating Control: A Study of News Sources**. Toronto: University of Toronto Press 1989.
- MONTAGNER M.A. Sociologia médica, sociologia da saúde ou medicina social? Um esforço comparativo entre França e Brasil. **Saúde soc.** 2008, 17(2):193-210.
- PETERS, H,P. Scientists as public experts: expectations and responsibilities. In: BUCCHI, Massimiano; TRENCH, Brian (Orgs). **Routledge Handbook of Public Communication of Science and Technology**. Londres: Routledg, 2014.

SBPJor – Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo
18º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo
3 a 6 de Novembro de 2020
